



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

SACERDÓCIO REAL: PROMESSA E PROFECIA¹

Royal priesthood: promise and prophecy

Valeriano dos Santos Costa²

Resumo: A igreja é um organismo sacerdotal que tem como base o sacerdócio universal de todos os fiéis, a quem o sacerdócio ordenado deve servir. Foi prometido no Antigo Testamento e tornou-se profecia realizada no Novo Testamento. É preciso dar mais ênfase a esse princípio eclesial, que sustenta a igreja – povo de Deus. Disso depende a retomada da missão, pois é o sacerdócio batismal que faz de cada cristão um discípulo de Cristo e um missionário por natureza.

Palavras-chave: Sacerdócio. Serviço. Batismo. Igreja. Missão.

Abstract: The Church is a priestly body based in the universal priesthood of all believers, to whom the ordained priesthood has to serve. It was promised in the Old Testament prophecy and became accomplished in the New Testament. You need to give more emphasis to this ecclesial principle, which theologically sustains the Church – the people of God. It depends on the resumption of the mission, for it is the baptismal priesthood that makes every Christian a disciple of Christ and a missionary by nature.

Keywords: Priesthood. Service. Baptism. Church. Mission.

Introdução

São utilizados quatro adjetivos para qualificar o sacerdócio que abrange todos os cristãos e define a mesma realidade sacerdotal de todos os fiéis: real, batismal, comum e universal. Real, porque tem a ver com a realeza de Cristo, que não é uma realeza política, mas sacerdotal de cunho existencial, profético e litúrgico; batismal, porque se adquire pelo Batismo, sacramento chave da incorporação do fiel a Cristo, o mediador da relação com Deus Pai; comum, porque atinge toda a comunidade dos ba-

¹ O artigo foi recebido em 22 de janeiro de 2014 e aprovado em 03 de julho de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Sant'Anselmo, Roma/Itália; professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUC-SP, São Paulo/SP; natural de Bom Conselho/PE. Contato: pvaleriano@uol.com.br

tizados sem distinção; universal, porque abrange o universo de todos os cristãos sem exceção. Os quatro adjetivos, unidos ao substantivo “sacerdócio”, formam expressões usadas aleatoriamente neste texto, pois significam a mesma coisa.

Desvalorizar a condição universal do sacerdócio cristão é um grande equívoco, que compromete a continuidade da fé entre as várias gerações. A aplicação do termo sacerdote com ênfase somente no ministério ordenado levou a uma situação anômala que, por séculos, colocou o leigo numa espécie de “minoridade eclesial” e comprometeu a missão. A igreja é uma comunidade sacerdotal e tem aí a chave para o bom desempenho da missão, que, por natureza, envolve todo batizado e não apenas uma elite ministerial.

Os exegetas falam da igreja como um “organismo sacerdotal”, evocando a ideia de que se trata de um sacerdócio bem articulado. As igrejas cristãs que não levarem a sério a abrangência universal do sacerdócio padecerão de uma estagnação mortífera, pois o elã missionário brota de uma consciência ativa de cada fiel da importância de sua atuação na igreja e no mundo. A contraposição entre leigos e ministros ordenados já não é boa por causa disso. Pode induzir que os ministros ordenados são os agentes e os leigos os pacientes. É justamente o sacerdócio batismal que coloca todo fiel no patamar básico da ação em Cristo, independentemente das hierarquias e carismas.

A universalidade do sacerdócio cristão

O sacerdócio cristão afastou-se da concepção elitista do sacerdócio do Antigo Testamento, justamente porque Cristo associou a si todo e qualquer discípulo, homem ou mulher, gerando um patamar básico de comunicação e interação com Deus jamais visto antes. Foi uma revolução que refletiu numa forma nova de se constituir a comunhão de fé. Por isso não é possível realizar o culto cristão sem o pressuposto do sacerdócio de todos os fiéis como base para que a prece comunitária chegue ao Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo. Não quer dizer que o sacerdócio ordenado não tenha sentido e função; quer dizer que sem o sacerdócio dos fiéis, o sacerdócio ordenado não tem chão nem consistência, pois lhe faltaria a parceria de irmãos para elevar a Deus o culto da fé, tendo Cristo como único mediador. Tanto é verdade que, ao se constatar que um ministro ordenado não foi batizado, ficam invalidados todos os sacramentos que ele celebrou.

O sacerdócio universal foi anunciado no Antigo Testamento e realizou-se no Novo Testamento como o grande dom de Cristo à humanidade. Os textos do Novo Testamento que afirmam o cumprimento da profecia e atestam a realização da promessa na pessoa e na obra de Jesus Cristo são: 1Pe 2.1-10; Ap 1.4-6; 5.10; 20.6. O

mais famoso e mais pesquisado é, sem dúvida, 1Pe 2.1-10, merecedor de estudos que resultaram em obras robustas de exégetas, como é o caso de Helliot³ e Schüssler⁴:

Portanto, rejeitando toda maldade, toda mentira, todas as formas de hipocrisia e de inveja e todas as maledicências, desejai, como crianças recém-nascidas, o leite não adulterado da palavra, a fim de que por ele cresçais para a salvação, *já que provastes que o Senhor é bondoso*. Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedicai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. Com efeito, nas Escrituras se lê: *Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; quem nela crê não será confundido*. Isto é, para vós que credes ela será um tesouro precioso, mas para os que não creem, *a pedra que os edificadores rejeitaram, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair*. Eles tropeçam porque não creem na Palavra, para o que também foram destinados. Mas vós sois *uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo de sua particular propriedade*, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou para a sua luz maravilhosa, vós que outrora *não éreis povo*, mas agora sois o povo de Deus, *que não tínheis alcançado misericórdia*, mas agora *alcançastes misericórdia* (1Pe 2.1-10).

Os três textos do Apocalipse são os seguintes:

A vós a graça e a paz da parte d'Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem, da parte dos sete Espíritos que estão diante do seu trono, e da parte de Jesus Cristo, *a Testemunha fiel, o Primogênito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra*. Àquele que vos ama, e que nos lavou de nossos pecados com seu sangue, e fez de nós *uma Realeza e Sacerdotes* para Deus, seu Pai, a ele pertencem a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém (Ap 1.4-6).

Digno és tu de receber o livro e de abrir seus selos, pois foste imolado e, por teu sangue, resgataste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso Deus, *uma Realeza e Sacerdotes*; e eles reinarão sobre a terra (Ap 5.9-10).

Feliz e santo aquele que participa da primeira ressurreição! Sobre estes a segunda morte não tem poder; eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e com ele reinarão durante mil anos (Ap 20.6).

Esses quatro textos levaram os exégetas a afirmar que a comunidade cristã é um *organismo sacerdotal* e que cada membro dela é, pessoalmente, sacerdote. Contudo o texto não afirma uma igualdade nivelada do sacerdócio cristão, mas sugere uma diversidade integrada, semelhante a uma casa. É o que afirma Vanhoye:

³ HELLIOT, John H. *The Elect and the Holy: An Exegetical Examination of 1 Peter 2:4-10 and the Phrase Basileion Hierateuma*. Leiden: Brill, 1966; São Francisco: Wipf & Stock, 2006.

⁴ SCHÜSSLER, Elisabeth Fiorenza. *Priester für Gott: Studien zum Herrschafts- und Priestermotiv in der Apokalypse*. Münster: Aschendorff, 1972.

Quanto à igualdade de todos no sacerdócio, o texto de Pedro não diz absolutamente nada. Fala, certamente, da participação de todos os crentes no sacerdócio da igreja, mas não fala de igualdade. Ao relacionar o “organismo sacerdotal” com a “casa espiritual”, sugere, isso sim, diversos níveis de participação. Efetivamente, em uma construção, todas as pedras são parte do edifício e são solidárias umas das outras, mas nem todas elas estão no mesmo nível, nem cumprem a mesma função. Uma casa tem, necessariamente, uma estrutura diferenciada. A existência de uma hierarquia sacerdotal na igreja não está, portanto, em desacordo com a ideia de [...] (*hiérateuma*), tal como Pedro a apresenta em 2.4,5; pelo contrário, está implicitamente contido nela.⁵

Essa afirmação de Vanhoye é fruto de valiosa pesquisa que redundou numa obra robusta sobre a concepção do sacerdócio cristão na igreja primitiva. Como exegeta, aprofundou o termo *hiérateuma*, que Pedro retira da Septuaginta, cujo significado aponta que a igreja funciona como um organismo sacerdotal.⁶ Portanto a diversidade de ministérios é legítima e autêntica, mas não pode ser vista senão a partir do patamar do sacerdócio universal, antiga promessa de Deus cumprida por Cristo.

Ainda do conceito de *hiérateuma* se extrai outra consequência: é impossível se exercer o sacerdócio cristão de maneira individual ou isolada dos demais, pois tem um aspecto essencialmente comunitário e corporativo; é pertinente a todo o povo, não somente porque não deixa fora nenhum discípulo de Cristo e membro da igreja, mas porque integra cada um num tecido bem trançado, não ficando nenhum fio solto. Nesse sentido, também afirma Vanhoye:

Um crente que se negar a cumprir esta condição e pretender aproximar-se de Deus de uma maneira individualista, estará se excluindo do sacerdócio cristão. A ideia de um sacerdócio exercido por cada um, independente do conjunto do corpo, não está na perspectiva de Pedro. [...] A condição para poder apresentar a Deus uma oferta é sempre a de aceitar fazer parte da “casa espiritual” que tem seu fundamento em Jesus Cristo; não há nenhum outro “lugar sagrado” onde Deus possa ser encontrado⁷.

A expressão imperativa “chegai-vos a ele” tem, antes de tudo, um sentido litúrgico e existencial; é elemento de celebração e de testemunho cristão. E tem sentido litúrgico, porque, depois do batismo, a adesão à fé se expressa em primeiro plano pela participação na vida litúrgica da comunidade, como acontecia na comunidade primitiva (At 2.41ss).⁸ A chegar-se a Cristo pela liturgia é reconhecer a necessidade absoluta da mediação do Filho de Deus e da união contínua com ele, pois “o organismo sacerdotal não existe a não ser graças à adesão a Cristo (‘achegando-vos a ele’) e não exerce sua função de ‘oferecer sacrifícios’ a não ser graças a Cristo (‘por intermédio

⁵ VANHOYE, Albert. *Sacerdotes antigos e sacerdote novo segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006. p. 214.

⁶ Cf. VANHOYE, 2006, p. 410.

⁷ VANHOYE, 2006, p. 413.

⁸ Cf. VANHOYE, 2006, p. 404.

de Jesus Cristo’⁹). Não toma parte do sacerdócio cristão quem não está unido a Cristo desde o batismo. “Somente Cristo possui o sacerdócio em plenitude, porquanto é o único mediador.”¹⁰

Cristo, por sua paixão e ressurreição, converteu-se no fundamento de novos relacionamentos entre as pessoas e no princípio de uma nova solidariedade.¹¹ Então toda a existência cristã deve ser transformada a partir da liturgia, onde reina a ação santificadora de Cristo, pelo Espírito Santo. Segundo o pensamento de Bento XVI, o culto, na sua verdadeira amplitude e profundidade, vai muito além da ação litúrgica e abraça o ordenamento da criação inteira.¹² Essa é a função agregadora de Cristo, como pedra fundamental que dá suporte à construção como um todo:

Convertido em “pedra viva”, por sua paixão e ressurreição, Cristo adquiriu a capacidade de agregar a si outras pedras, que se transformam no contato com ele, recebem sua vida nova e ficam incorporadas a um edifício que recebe toda a consistência¹³.

A fé é a única condição de participação no edifício espiritual, que é Cristo. Já o testemunho cristão é a consequência lógica da fé. Apesar de toda imperfeição humana, o que o Antigo Testamento colocava como obstáculo condicional ao sacerdócio real (“se ouvirdes minha voz e guardardes a minha aliança”¹⁴), há agora definitivamente um povo sacerdotal. “O fundamento do sacerdócio não é, portanto, mérito dos homens; tampouco a miséria dos homens constitui obstáculo à participação no sacerdócio.”¹⁵ Daí, a experiência da bondade de Deus e a participação na misericórdia de Cristo, de que fala Pedro. O que distingue agora a humanidade é *ser crente* ou *não ser crente*. Ademais, como afirma Paulo, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 2.28). Sem o pressuposto do sacerdócio real de todos os fiéis, que é base do conceito de igreja *povo de Deus*, vista como um organismo sacerdotal (1Pe 2.1-10) e nação de sacerdotes capazes de oferecer sacrifícios a Deus (Ap 1.4-6; 5.10; 20.6), o sacramento da ordem perde seu chão natural.

Ademais, não há explicação humana para o fenômeno de natureza mística que leva uma comunidade inteira a realizar em sua liturgia a experiência mais profunda da passagem dos sinais sensíveis rituais para a comunhão com Deus senão a certeza de que cada um dos membros da assembleia litúrgica, exercitando seu sacerdócio batismal, chega ao coração do próprio Cristo, que eleva louvores ao Pai e nos agrega à sua ação sacerdotal. Nenhum esforço humano poderia dar conta de tão grande passagem; seria insuficiente. Pessoas das mais variadas circunstâncias e situações culturais,

⁹ VANHOYE, 2006, p. 403.

¹⁰ VANHOYE, 2006, p. 403.

¹¹ VANHOYE, 2006, p. 405.

¹² Cf. RATZINGER, Joseph. *Teologia della liturgia: La fondazione sacramentale dell’esistenza cristiana*. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010. p. 34. (Opera Omnia, v. XI).

¹³ VANHOYE, 2006, p. 405-406.

¹⁴ Êx 19.5.

¹⁵ VANHOYE, 2006, p. 400.

diante de uma celebração autêntica, conseguem entrar na unidade que o sacramento da Páscoa de Cristo exige, porque naquela hora há uma condição comum que une a todos e leva, por meio da beleza¹⁶, ordem, amor e êxtase¹⁷ à intimidade divina. Essa condição é dada pelo sacerdócio real de todos os fiéis. A experiência de Deus de que se fala aqui é feita em toda celebração, seja numa pequena capela ou numa grande catedral. Nesse sentido, Jungmann diz, na introdução do seu livro *Missarum sollemnia* (A solenidade das Missas):

Desde que o Homem-Deus passou por nossa terra e concluiu seus dias terrestres com o sacrifício da salvação na cruz, tomou início aquela celebração que, a partir de então, passa por todos os séculos e países como presença misteriosa de sua entrega universalmente salvífica, e que nunca cessará, até que ele volte. Em repetição infinita, ora em esplendor festivo e no meio de milhares de pessoas animadas, ora no silêncio de uma capela lateral, na simplicidade de uma pequena Igreja rural, em algum canto do qual as pessoas consagradas a Deus saem para realizar suas obras de caridade, em todo lugar realiza-se, dia após dia, o mesmo mistério. Mal separado do mercado da vida por uma parede fina, ele está no meio das pessoas que acorrem à graça divina que nele brilha, que lhe estendem as mãos em busca de socorro, para não afundar-se na futilidade e na ausência de Deus que marcam a vida¹⁸.

O fato de Cristo estender o sacerdócio a todos os fiéis é fundamental para compreendermos a intuição do sacerdócio no Antigo Testamento. Na verdade, Cristo não fez mais do que dar plenitude à lei antiga e estabelecer seu pleno cumprimento na nova aliança. Com isso, deu uma nova dinâmica ao sistema sacerdotal antigo e fez que o culto da nova aliança superasse a dimensão estática e mergulhasse na dimensão extática da liturgia. Em outras palavras, passasse da admiração estática à adoração extática, que define o culto cristão. Essas duas posturas culturais não denotam ruptura nem oposição, mas uma evolução, pois ambas refletem o desejo humano de comunicação com Deus. A comunicação estática coloca a pessoa em atitude de admiração, mas distante de Deus. Nesse caso, Deus é o Senhor cuja face não se pode ver sem morrer. Adorar sua majestade à distância é fator de segurança para a criatura. Já a comunicação extática representa um profundo envolvimento com o mistério divino, o que gera um movimento interior de uma qualidade muito intensa. Esse movimento é resultado da integração da pessoa ao próprio Deus, o que só acontece na proximidade

¹⁶ Para um estudo da beleza na liturgia propomos: CASSIGENA-TRÉVEDY, François. *La belleza dela liturgia*. Salamanca: Sígueme, 2008; BOROBIO, Dionisio. *La dimensión estética de a liturgia: arte sagrado y espacios para la celebración*. In: *Quadernos Phase*, Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 180, 2008; ROUET, Albert. *Arte e liturgia*. Cità Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994; PASTRO, Claudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008; ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via Pulchritudinis: o caminho da beleza: caminho privilegiado de evangelização e diálogo*. São Paulo: Loyola, 2007; NAVONE, John. *Em busca de uma teologia da beleza*. São Paulo: Paulus, 1999.

¹⁷ Beleza, ordem, amor e êxtase são do quadrinômio com Costa trabalha os pilares da liturgia: COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

¹⁸ JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 5.

da intimidade e da comunhão, no êxtase do amor. O êxtase é essencialmente uma relação de *amor – agape*, em que o divino e o humano se fundem, no movimento mais intenso que ocorre nesta vida. No êxtase, a pessoa encontra-se despojada de tudo para ser tudo em Deus e viver em comunhão com ele para sempre. Por isso o êxtase é um êxodo cultural, um sair de si como princípio e método de existir. Só o *amor – agape* pode estabelecer esse êxodo contínuo da criatura em direção ao Criador e à criação, ou seja, em direção ao Outro e aos outros. Como diz o papa Bento XVI:

Sim, o amor é “êxtase”; êxtase não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus¹⁹.

Origem bíblica do sacerdócio cristão

Apesar de toda a oposição que a estrutura sacerdotal do Antigo Testamento provocou ao ministério de Cristo, o fundamento do sacerdócio cristão não pode ser encontrado senão no Antigo Testamento. É aí que está o anúncio: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êx 19.6). O verbo no futuro indica que o sacerdócio real é um dom messiânico e, como tal, é realização de uma promessa veterotestamentária, como diz Fontbona: “Para averiguar até que ponto a sacerdotalidade se enraíza em suas origens, nos remontamos ao Antigo Testamento, onde encontramos a noção de sacerdócio que a Igreja assume como sua, excetuando seu caráter hereditário, desde o século III dC”²⁰.

A forma ferrenha como os evangelhos retratam a oposição dos sacerdotes, dos fariseus e dos escribas contra a obra e a pessoa de Jesus nos faz compreender porque o sacerdócio tornou-se uma questão espinhosa para a comunidade primitiva. Porém temos de admitir também um problema político-religioso. Todo o processo contra Jesus estava muito candente na mentalidade dos primeiros cristãos, e é natural que uma recusa do sacerdócio fosse, até certo ponto, normal por parte deles, pois tudo indica que os sacerdotes tiveram um papel preponderante na condenação de Jesus:

Uma análise exegética séria permite-nos concluir que os primeiros causadores do juízo condenatório contra Jesus foram os saduceus, grupo de poder religioso e social, em sua maior parte integrado e dirigido pela casta sacerdotal mais alta. Por isso as primeiras comunidades não davam a Jesus o título de “sacerdote”, nem sequer aplicam esse qualificativo²¹.

¹⁹ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006. n. 6.

²⁰ FONTBONA, Jaume. *Ministerio de comunió*n. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1999. p. 32-33.

²¹ PARDO, Jesús Espeja. *El ministerio en La Iglesia: un cambio de perspectiva*. Madri: Edibesa, 2001. p. 84.

No entanto, a comunidade primitiva teve de enfrentar a questão por meio da Carta aos Hebreus, pois não era possível enquadrar a vida e o ministério de Jesus senão na perspectiva sacerdotal.

E de uma maneira muito peculiar, durante a celebração da Última Ceia, anuncia que seu corpo vai ser entregue e seu sangue derramado como sacrifício da nova aliança para o perdão dos pecados. Jesus Cristo se apresenta com toda clareza como sacerdote.²²

Roland de Vaux insiste que no Antigo Testamento²³ o sacerdócio de Israel correspondia a uma aspiração profunda: o desejo de viver em comunhão com Deus. E isso significa que o sacerdócio pode ser entendido como o mais bem sucedido intento de mediação entre a humanidade e Deus. Daí a relevância do sacerdócio no plano da salvação. Como diz Vanhoye, “o papel do sacerdote consiste em abrir ao povo a possibilidade de comunhão com Deus e com o outro, pois uma coisa não se realiza sem a outra”²⁴. Aí está o fundamento do sacerdócio universal, que não encontra no Antigo Testamento o seu pleno exercício, embora apareça muito claro no plano da promessa. Não há nada mais importante do que a capacidade que o sacerdote tem de colocar o povo em relação pessoal com Deus.²⁵ Dessa forma, como afirma Fontbona, “o sacerdócio batismal é o estado existencial de todos os crentes”²⁶, porque é justamente nesse estado que o povo eleito tem acesso à comunicação com Deus. Não podemos nos esquecer de que “o homem é um ser religioso e não há nada tão importante em sua existência como seu encontro com Deus”²⁷. E é desse encontro que nasce a possibilidade do verdadeiro encontro fraterno. Longe de Deus, o ser humano torna-se um alienado e inimigo potencial do próximo. A necessidade da relação com Deus é tão radical que há três atitudes diferentes, já que o ser humano, como ser livre, não trata as questões vitais de forma linear, pois é tomado de resistências instintivas, dúvidas e incertezas.

A primeira reação consiste em rejeitar por completo a possibilidade de uma relação com Deus, levando à afirmação de que Deus não existe. E chama a si mesmo de realista. Porém se esquece de que

quem exclui Deus do conceito de realidade é só aparentemente um realista. Ele abstrai da realidade em que “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). Isso significa que somente se a relação com Deus é justa, todas as outras relações do homem – as suas relações com os outros e seu comportamento para com a criação – podem estar em ordem²⁸.

²² ARNAU-GARCIA, Ramón. *Oden y ministerios*. Madri: BAC, 2001.

²³ VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

²⁴ VANHOYE, 2006, p. 70.

²⁵ VANHOYE, 2006, p. 71.

²⁶ FONTBONA, 2001, p. 36.

²⁷ VANHOYE, 2006, p. 72.

²⁸ RATZINGER, 2010, p. 34.

Estabelecida a desordem, o resultado é dramático, não para Deus, mas para o próprio ser humano: “Diz o insensato em seu coração: Deus não existe! Suas ações são corrompidas e abomináveis: não há um que faça o bem” (Sl 14.1). A Escritura é radical em constatar que esse tipo de comportamento é nocivo ao próprio ser humano e compromete o bom andamento da história. Nesse sentido é que Vanhoye afirma:

A pior alienação para o homem consiste em encerrar-se na estreiteza do seu pequeno mundo. Ali, afoga-se a debater-se convulsivamente. Para viver a plenitude, o homem tem de aceitar francamente a dimensão religiosa do seu ser e deixar que sua relação com Deus vivifique todas as outras relações²⁹.

A segunda atitude, aparentemente, é positiva. No entanto, esconde uma postura nitidamente negativa: o individualismo religioso. O ser humano admite que Deus existe, abrindo-se, portanto, a essa relação primordial. Contudo não admite que essa relação transforme as outras relações humanas, pois a religião não passa de um assunto privado, coisa estritamente pessoal, pela qual cada um escolhe o que é melhor para si, como um produto de supermercado. A própria Escritura salienta que amar a Deus sem amar o próximo é uma mentira: “Se alguém disser: amo a Deus, mas odeia seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4.20). Talvez se explique por aí um dos fenômenos característicos do mundo pós-moderno: o individualismo religioso. Se a modernidade salientou o drama do humanismo ateu, a pós-modernidade jogou-nos no abismo do individualismo religioso, resultando numa explosão desordenada que faz da religião um produto de natureza consumista.

A terceira atitude é realmente positiva. Ela evita tanto o humanismo ateu quanto o individualismo religioso, buscando abrir toda a existência humana à relação com Deus, de natureza transcendente. Vai ao encontro da realização da vocação humana. A instituição sacerdotal significou em todos os tempos a expressão mais consistente dessa atitude da pessoa perante a vida. O sacerdote diante da comunidade desempenha uma atitude social e socializante. É um intermediário mais funcional entre Deus e as pessoas. “Assim, pois, a mediação do sacerdote aparece como a função da maior importância para a realização da vocação humana.”³⁰ Cody salienta que a exigência principal para essa relação é a santidade.³¹ A palavra sacerdote vem do termo hebraico *kohén*, que foi traduzido para o grego como *hiereus* (sagrado). Curiosamente, esse termo foi aplicado pela primeira vez na Bíblia a Melquisedeque, rei de Salém (Gn 14.18), figura emblemática para o sacerdócio cristão.

Muitos exegetas entendem que o sacerdote era o “homem do sagrado”, aquele que se mantinha na presença de Deus para ajudar o povo a permanecer na comunhão divina. Cody, no entanto, diverge dessa opinião e afirma que o sacerdote antigo era o homem das bênçãos e da prosperidade.³² Nesse sentido, “a bênção não é outra coisa

²⁹ VANHOYE, 2006, p. 73.

³⁰ VANHOYE, 2006, p. 75.

³¹ Cf. CODY, A. *History of Old Testament Priesthood*. Roma: Pontificio Instituto Bíblico, 1966. p. 191.

³² Cf. CODY, 1996, p. 26-29.

que uma relação viva com Deus [...] uma condição necessária e fundamental da qual depende o verdadeiro êxito da existência”³³.

Fundamentalmente, as atribuições bíblicas do sacerdote antigo estão vinculadas ao santuário. Como “o homem do santuário”, o sacerdote tem o direito de tocar nos objetos sagrados, é encarregado de oferecer sacrifícios, proferir oráculos, distribuir bênçãos e manter a comunidade na pureza ritual.³⁴

Para que uma oferta apresentada a Deus tivesse alguma probabilidade de ser aceita, era mister que o ofertante não se encontrasse em oposição à santidade divina, mas, pelo contrário, estivesse impregnado dessa santidade, conformado a ela, quer dizer, consagrado a Deus.³⁵

Em vista disso, os sacrifícios de expiação ganharam, cada vez mais, importância no culto de Israel, sendo o *Kippur* a festa mais significativa, pois naquele dia o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos e purificava Israel dos seus pecados. Essa liturgia tem tamanha importância para compreendermos o Cristo como sumo sacerdote da nova aliança, que é importante transcrever o texto de Vanhoye, no qual ele explica o lugar do *Kippur* na liturgia de Israel e como ela se tornou uma síntese do sistema sacerdotal antigo, o ponto mais alto de teologia sacerdotal do Antigo Testamento.

A grande cerimônia de expiação só ocorria uma vez por ano e era a única ocasião em que o culto sacerdotal podia chegar, de certa maneira, em contato com Deus. De fato, a parte mais santa do Templo, lugar da presença divina, só era acessível no curso daquela liturgia. Deve ser enfatizado, no entanto, que, inclusive, nesse dia, seu acesso era extremamente restrito, já que havia apenas uma pessoa qualificada para dar esse passo perigoso: o Sumo Sacerdote. E estava ordenado a cumprir, previamente, inúmeros ritos que eram outras tantas precauções necessárias. A entrada no Santo dos Santos era efetuada levando o sangue dos animais sacrificados e espargindo o seu sangue no propiciatório, considerado como o trono de Deus. Desta forma, o sacrifício do Dia da Expiação obtinha o contato com Deus. Nenhum outro sacrifício, realizado durante o ano, obtinha esse privilégio. A liturgia do *Kippur* constituía, por conseguinte, a conclusão única e decisiva do sistema sacerdotal antigo: lugar sagrado, ação sagrada, tudo estava, então, determinado até o extremo.³⁶

A mesa da Eucaristia e o sacerdócio universal

É inimaginável para um judeu devoto e cioso da Lei aceitar o que os cristãos professam na Oração Eucarística II, quando logo depois da narrativa da última ceia, que chamamos por efeito sacramental de consagração, o presidente da celebração reza com estas palavras, que constituem uma fina pérola da teologia litúrgica do sacerdó-

³³ VANHOYE, 2006, p. 61.

³⁴ Cf. VANHOYE, 2006, p. 51.

³⁵ VANHOYE, 2006, p. 59.

³⁶ VANHOYE, 2006, p. 77.

cio comum dos fiéis: “Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação; e vos agradecemos porque nos tornastes dignos de estar aqui e vos servir”³⁷.

Então a mesa da Eucaristia é o novo “Santo dos Santos”, o coração do santuário, em torno do qual têm acesso não só os sacerdotes ordenados, mas todo o povo fiel, o qual recebeu a dignidade para, como diz o missal romano, *astare coram te et tibi ministrare*³⁸ (estar de pé diante de ti e prestar-te culto litúrgico). Aqui está a plenitude do culto divino, de que fala a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Ecu­mênico Vaticano II.³⁹ Portanto o sujeito do sacrifício eucarístico é toda a assembleia em oração, pois toda celebração litúrgica é obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, a igreja.⁴⁰ O verbo *astare* lembra um aspecto etimológico do termo sacerdote em hebraico: “aquele que se mantém de pé na presença de Deus”⁴¹. Esse é o legítimo ofertório da missa; é a consagração definitiva de que somos um povo sacerdotal, uma nação santa. E Cristo é o nosso precursor, aquele que nos abriu o caminho para chegarmos mais longe do que se possa imaginar em nossa relação com Deus por meio da liturgia. É nesse sentido que diz Evdokimov: “‘O sacerdócio real’, seguindo o nosso Precursor, o Cristo, ultrapassa doravante o véu do santuário trinitário para participar da função litúrgica do Pontífice Eterno”⁴². E o mais belo dessa afirmação é a comparação do Santo dos Santos com a Santíssima Trindade; e, ainda mais, é na Eucaristia que esse mistério chega a seu ponto máximo, pois “na eucaristia a realidade celeste de Cristo se torna nossa realidade”⁴³. Portanto a Eucaristia é o ápice sacramental do nosso mergulho trinitário aqui na terra. É um mergulho no amor de Deus, Agape, considerando que o Pai é Agape original; o Filho, Agape encarnado; e Espírito, Agape derramada.⁴⁴

A dificuldade do sacerdócio antigo residia no seu dinamismo interno, no qual a santidade não estava vinculada à comunhão com Deus, que leva ao aperfeiçoamento moral, mas era uma pura separação do profano.⁴⁵ Portanto não supunha a refundição do coração humano no coração divino. E a técnica para realizar a separação do profano era a *solução ritual*, ou seja, “um sistema de separações rituais, sendo o sacerdócio uma das que tinham o papel de primeira ordem”⁴⁶. O funcionamento sacerdotal antigo constituía uma pirâmide que tinha como base as multidões das nações (profanas); acima delas vinha Israel, como um povo separado dos demais; e dentro de Israel havia uma tribo separada das outras onze tribos, a tribo de Levi; e ainda, dentro dessa tribo havia pelos menos três castas de sacerdotes, cada uma separada das outras: o sacer-

³⁷ MR, Oração Eucarística II, rito da Missa, p. 480.

³⁸ MESSALE ROMANUM. Editio Typica Tertia, 2002. p. 582.

³⁹ SC nº 5.

⁴⁰ Cf. SC nº 7.

⁴¹ VANHOYE, 2006, p. 50.

⁴² EVDOKIMOV, Paul. *L'Ortodossia*. Bologna: EDB, 2010. p. 85.

⁴³ EVDOKIMOV, 2010, p. 85.

⁴⁴ Para aprofundar o conceito da relação trinitária e tripessoal do amor de Deus, ler: COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

⁴⁵ Cf. VANHOYE, 2006, p. 63.

⁴⁶ VANHOYE, 2006, p. 64.

dócio sadoquita, o sacerdócio aaronita e os levitas em geral; do sacerdócio sadoquita culminava o sumo sacerdote, muito acima de todos os outros sacerdotes.⁴⁷ Era um movimento ascendente de separações, e todos viviam à espera do movimento descendente de Deus. Esse movimento suscita a postura estática de quem espera à distância. O movimento sacerdotal de Cristo, caracterizado pela liturgia da nova aliança, é descendente. Em vez de pirâmide, há a comunidade sacerdotal hierarquicamente constituída.

O sacerdócio real de todos os fiéis, com seu caráter batismal, é a base comum para o sacerdócio ordenado, que também tem seu caráter próprio, mas nunca hereditário. Fontbona vê na configuração tripartite que o sacerdócio judaico assume depois do exílio uma sombra do que serão mais tarde, no Novo Testamento, os três graus do sacramento da ordem. Segundo ele, havia os *sumos sacerdotes*, de origem sadoquita⁴⁸, com a função de chefiar o Templo, organizar a liturgia e cuidar do tesouro, além de presidir o Sinédrio e expiar os pecados do povo; *os sacerdotes ordinários*, de origem aaronita, cuja função era tipicamente sacrificial⁴⁹, além de discernir os casos de impureza⁵⁰ e atuar como mestres da lei⁵¹; e *os levitas*, cuja origem era a tribo de Levi em geral. Esses estavam a serviço do sacerdócio aaronita⁵² e não tinham acesso ao altar.⁵³ Seu trabalho era preparar os sacrifícios, receber os dízimos, ser uma espécie de polícia do Templo e exercer a função de músicos litúrgicos.⁵⁴ De acordo com Fontbona, “esta divisão influirá na visão tripartite do ministério ordenado”⁵⁵.

Considerações finais

Ao ressaltar a importância do sacerdócio universal dos fiéis, estamos retomando o Concílio Vaticano II naquilo que é a sua mensagem principal: a igreja é o povo de Deus que marcha unido e apressado para a Jerusalém celeste. Funciona como uma comunidade toda ministerial de cunho sacerdotal, não estabelecida em forma de pirâmide, mas de comunhão entrelaçada entre ministérios e carismas. Aqui ministério é literalmente serviço.

O que cimenta as paredes dessa casa feita de muitos tijolos é o sacerdócio universal de todos os fiéis, anunciado no Antigo Testamento e realizado por Cristo no Novo Testamento. Infelizmente parece a doutrina do Concílio Vaticano II que menos se desenvolveu, seja na teologia, mas sobretudo na prática, a ponto de o laicato ainda significar aquela parte da Igreja Católica que segue as orientações da hierarquia, mas não participa ativamente nas decisões e na missão da igreja.

⁴⁷ Cf. VANHOYE, 2006, p. 69.

⁴⁸ Cf. Sm 8.17; IRs 4.12; Ez 40.46; 44.14; 48.11.

⁴⁹ Cf. Nm 15.8.

⁵⁰ Cf. Lv 10.10-11.

⁵¹ Cf. Ne 8-10.

⁵² Cf. Nm 18.3-4.

⁵³ Cf. Nm 18.3.

⁵⁴ Cf. Nm 17.27-18.32.

⁵⁵ FONTBONA, 1999, p. 34.

A prova mais contundente é o marasmo da missão católica, que se equipou de missionários como que “profissionais” por vocação, cabendo a muitas congregações e institutos de vida apostólica o adjetivo de missionários, o que por conclusão pode induzir que o cristão comum não o seja.

Nesta hora da Nova Evangelização, compete ao leigo arregaçar as mangas e tomar para si a missão da igreja. Mas para isso é necessário que haja uma maturidade que só se consegue quando o sacerdócio universal for revitalizado. A nosso ver, esse seria o primeiro passo para se deslanchar a Nova Evangelização.

Nas origens, o cristão leigo era considerado uma força ativa na construção da igreja de Cristo. Comunidades como a de Roma foram originadas pela fé e pelo testemunho dos leigos, assim como mais tarde aconteceu na Coreia.

É mais do que comprovado que a igreja, quando deu asas ao sacerdócio universal, expandiu-se de forma brilhante. Ao passo que quando tratou os cristãos leigos como membros menores, instituiu o marasmo que hoje se tornou a encruzilhada onde não se pode mais ficar.

Referências

- ARNAU-GARCIA, Ramon. *Orden y ministerios*. Madri: BAC, 2001.
- ASSEMBLÉIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via Pulchritudinis: o caminho da beleza: caminho privilegiado de evangelização e diálogo*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.
- BOROBIO, Dionisio. *La dimensión estética de la liturgia: arte sagrado y espacios para la celebración*. In: *Quadermos Phase*, Barcelona: Centre de Pastoral litúrgica, 180, 2008.
- CASSIGENA-TRÉVEDY, François. *La belleza dela liturgia*. Salamanca: Sígueme, 180, 2008.
- CODY, A. *History of Old Testament Priesthood*. Roma: Pontificio Instituto Bíblico, 1966.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.
- COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- EVDOKIMOV, Paul. *L'Ortodossia*. Bologna: EDB, 2010.
- FONTBONA, Jaume. *Ministerio de comunión*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1999.
- HELLIOT, John H. *The Elect and the Holy: An Exegetical Examination of 1 Peter 2:4-10 and the Phrase Basileion Hierateuma*. Leiden: Brill, 1966; São Francisco: Wipf & Stock, 2006.
- JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum solemnitas: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009. Tradução do original publicado em 1962.
- MISSAL Romano*. Restaurado por Decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo V. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- NAVONE, John. *Em busca de uma teologia da beleza*. São Paulo: Paulus, 1999.
- PARDO, Jesús Espeja. *El ministerio en La Iglesia: un cambio de perspectiva*. Madri: Edibesa, 2001.
- PASTRO, Claudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- RATZINGER, Joseph. *Teologia della liturgia: La fondazione sacramentale dell'esistenza Cristiana*. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010. (Opera Omnia, v. XI).
- ROUET, Albert. *Arte e liturgia*. Città Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994.

SCHÜSSLER, Elisabeth Fiorenza. *Priester für Gott* : Studien zum Herrschafts- und Priestermotiv in der Apokalypse. Münster: Aschendorff, 1972.

VANHOYE, Albert. *Sacerdotes antigos e sacerdote novo segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.